



REDES SOCIAIS E A SAÚDE: IMPACTOS POSITIVOS E NEGATIVOS NA POPULARIZAÇÃO DAS CONDUTAS MÉDICAS

FERREIRA, Guilherme Henrique da Costa.¹

LOPES, Eduarda Rossi.²

OTT, Felipe Ian.³

GOVATISKI, José Rafael.⁴

RADAELLI, Patrícia Barth.⁵

RESUMO

As redes sociais se tornaram uma ferramenta onipresente em várias faixas etárias e afetaram vários aspectos da vida humana, especialmente os relacionados à saúde. Este artigo discutirá a influência das redes sociais na democratização do acesso à informação, que é outro tópico que possui seus prós e contras. As redes sociais são frequentemente usadas para compartilhar dicas, receitas, experiências pessoais e tendências que aumentam a conscientização sobre a saúde e contribuem para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, principalmente o terceiro que se concentra em garantir a saúde e o bem-estar de todos. No entanto, a má utilização de informações é prejudicial e difunde a desinformação que pode ter consequências devastadoras, como a hesitação vacinal entre a população que surgiu durante a pandemia de COVID-19. A fim de alcançar os objetivos estabelecidos anteriormente, o seguinte estudo usa métodos de revisão literária, sobre a base de várias publicações encontradas através do Google Scholar, MEDLINE e PubMed. A análise dos resultados conseguiu identificar os aspectos positivos das redes sociais, no que se refere à rápida disseminação de informações e à participação da comunidade, bem como ao negativo, que é expresso na rápida propagação de fake news e desinformação. Além disso, a conexão das redes sociais com a Agenda 2030 das Nações Unidas também foi estudada, onde foi destacada a necessidade de passar um ato que seria capaz de combinar esforços e garantir a precisão das informações compartilhadas. Os resultados mostram que as redes sociais são ferramentas poderosas para democratizar a informação de saúde, mas também apresentam riscos significativos devido à desinformação. Conclui-se que políticas eficazes de verificação de informações e programas de educação digital são essenciais para melhorar a literacia informacional. Futuras pesquisas devem investigar estratégias de combate à desinformação e avaliar a eficácia de programas de educação digital para mitigar os impactos negativos identificados.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais, Saúde, Fake News, Objetivos Sustentáveis ONU 2030, Saúde Individual..

1. INTRODUÇÃO

As redes sociais, sem dúvidas, se tornaram ferramentas onipresentes em todas as faixas etárias por todo o globo terrestre, capazes de influenciar diversos aspectos da vida humana, principalmente no que tange à saúde. Dicas, receitas, experiências pessoais, criação de tendências e viralização de

¹Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: ghcferreira@minha.fag.edu.br

²Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: erlopes@minha.fag.edu.br

³Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: fiott@minha.fag.edu.br

⁴Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: jrgovatiski@minha.fag.edu.br

⁵Professora Orientadora - Pedagogia, Doutora, Docente dos Cursos de Medicina a do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG). E-mail: pbradaelli@minha.fag.edu.br



conteúdos sobre como melhorar a saúde são muito comuns no “feed” de qualquer dispositivo conectado. No entanto, é preciso lembrar que cada organismo responde de maneiras diferentes a determinado tratamento, sendo necessário cada caso ser acompanhado por um profissional capacitado e individualizado às necessidades de cada pessoa. Desse modo, este trabalho tem por objetivo investigar o impacto das redes sociais, tanto positivamente quanto negativamente, na democratização do acesso às informações sobre condutas médicas e a disseminação padronizada das mesmas.

Se por um lado, as redes permitem que as informações transitem de forma mais rápida e atinjam um número maior de pessoas - sem distinção de território, língua, cultura, religião ou qualquer tipo de crença, contribuindo, inclusive, com as metas propostas pela Organização das Nações Unidas (ONU) para o desenvolvimento sustentável até 2030 de garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2024). Por outro lado, o uso incorreto dessas informações pode ser maléfico em determinados contextos, seja pela disseminação de informações incorretas e sem embasamento científico ou até o abandono de condutas comprovadamente eficazes em decorrência de “fake news”, muito comuns de serem propagadas nestes meios, exemplo disso a vacinação para a COVID-19, conforme aponta Alberto Novaes Ramos Jr. (2023), o número de casos e óbitos globais acumulados relatados à Organização Mundial da Saúde (OMS) tem sido impressionante, mesmo que subdimensionados: quase 774 milhões de pessoas acometidas, sendo mais de 38 milhões no Brasil (4,9%), e registro de 7 milhões de mortes por COVID-19, 708 mil somente no país (10%), parte destas mortes creditadas à propagação de informações inverídicas. Segundo Jhonny Cristaldo de Oliveira (2022) em seu trabalho ao analisar uma pesquisa conduzida pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) - cerca de 34% (trinta e quatro por cento) declararam acreditar em pelo menos uma notícia falsa como razão para não optar pela utilização de um imunizante, causando, assim, grande prejuízo à saúde pública - principalmente no Brasil.

Fica evidente, portanto, que as redes sociais e as novas tecnologias são ferramentas que podem auxiliar na promoção dos objetivos sustentáveis da ONU até 2030, principalmente pelo seu potencial de acometimento global e influência na vida cotidiana das populações. Contudo, é preciso, também, estudar medidas que busquem validar e certificar esse trânsito de informações, principalmente no que diz respeito a cuidados com a saúde. Dessa maneira, as redes sociais



facilitariam a mobilização de comunidades, engajando indivíduos e organizações na busca por soluções colaborativas e inovadoras no cuidado individual com a sua saúde..

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AGENDA 2030 - ONU

A Agenda 2030 da ONU, composta por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), é um plano de ação voltado para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e a proteção do planeta, visando a prosperidade global (ONU - BR, 2015). Tal Agenda, enfatiza a importância da conscientização sobre questões de saúde pública e da educação em saúde. As redes sociais podem ser utilizadas como ferramentas poderosas para disseminar informações sobre saúde, como o ODS 3 - Saúde e Bem-estar (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2024).

2.1.1. PONTOS POSITIVOS DAS REDES SOCIAIS

Os serviços de redes sociais (SRSs) emergiram como um fenômeno global e de uso geral pelas pessoas. São comumente descritos como plataformas online que possibilitam aos usuários criar perfis pessoais e estabelecer conexões com outros usuários, formando assim uma rede de contatos. Ademais, além dos SRSs de uso geral, como Facebook e Twitter, estão surgindo redes sociais específicas para saúde. Algumas dessas plataformas são direcionadas a pacientes com condições específicas, como o TuDiabetes, enquanto outros são mais abrangentes. Há ainda aquelas voltadas para pessoas interessadas em mudar comportamentos de risco à saúde, ou estilos de vida relacionados à saúde (LARANJO, 2015).

As redes sociais oferecem diversas vantagens em comparação com outros meios de comunicação ao serem utilizadas para disseminação de informações sobre saúde. Primeiramente, a mídia social é reconhecida como o canal mais rápido disponível para compartilhar alertas e atualizações sobre surtos de doenças. Em segundo lugar, os SRSs permitem a utilização de várias formas de comunicação para engajar o público. Como exemplo, as postagens realizadas nas redes podem direcionar os usuários para outros recursos online, fornecendo conhecimentos adicionais sobre saúde. Por fim, as contas governamentais nos SRSs têm o potencial de se transformar em fontes oficiais de informação, fornecendo conteúdos sobre surtos de certas doenças do momento para agências locais e jornalistas de forma rápida e eficaz (CHEN, 2021).



Além disso, a comunidade de saúde pública enfrenta desafios ao tentar alcançar certas populações vulneráveis que podem ter uma necessidade maior de serviços. A ampla base de usuários e a natureza instantânea dos SRSs têm o potencial de ampliar o alcance e a eficácia desses serviços essenciais de saúde pública (CHEN, 2021). Sendo assim, o amplo acesso aos SRSs além das barreiras geográficas, juntamente com seu aumento no uso diário pelas pessoas, especialmente por meio de dispositivos móveis, torna-os locais particularmente atrativos para intervenções de saúde pública no âmbito comportamental (LARANJO, 2015).

2.1.2. PONTOS NEGATIVOS DAS REDES SOCIAIS

Existe uma variada gama de benefícios que as redes sociais são capazes de fornecer, porém, elas podem ser ferramentas com falhas de comunicação e desinformação, contribuindo negativamente à saúde dos usuários (HAGG, 2018). De acordo com o estudo de (HABER, 2018) é possível a identificação de uma linguagem modificada nos textos para os leitores da rede social quando comparada ao texto do artigo original, revelando uma disparidade entre as forças de linguagem e a forma como são retratadas, gerando exageros e interpretações errôneas, que podem acarretar em confusões, distorções e desconfiança (YEUNG, 2022)

Ainda, é possível identificar o uso das redes sociais como peça na estruturação de pseudo especialistas e influenciadores não especializados, ocorrendo em compartilhamentos de opiniões e informações inverídicas sobre a saúde, muitas vezes ocasionando dúvidas no leitor. O mau uso das redes sociais não é exclusivo de pessoas comuns, por vezes, figuras famosas como políticos e ativistas sem conhecimento específico sobre o assunto difundem desinformações relacionadas à saúde, que, devido a sua influência acarretam em questionamentos dos cidadãos acerca das produções científicas (YEUNG, 2022; RACOVITA, 2013).

3. METODOLOGIA

Este artigo se baseia em uma metodologia de revisão de literatura. As publicações presentes neste estudo foram selecionadas por todos os participantes, após a leitura de título e resumo. A pesquisa ocorreu por critérios que se adequaram ao tema proposto, abrangendo principalmente o ponto chave da pesquisa “redes sociais, saúde, tratamento e adesão dos pacientes à condutas



médicas”. As plataformas onde ocorreram as buscas foram Google Acadêmico, MEDLINE e PubMed. Ainda, alguns estudos escolhidos foram encontrados pelas referências dos artigos utilizados.

A relevância de cada publicação foi discutida entre os membros da pesquisa, visando a suficiência e qualidade do conteúdo reunido, a partir disso, estudos foram incluídos ou excluídos da análise.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Este artigo explora os efeitos das redes sociais na disseminação de informações de saúde, destacando tanto os benefícios quanto os desafios associados. Este trabalho visa entender como as redes sociais contribuem para a democratização do acesso à informação médica e os malefícios decorrentes da disseminação de informações errôneas.

4.1 Impactos Positivos das Redes Sociais na Saúde

As redes sociais possuem papel essencial na popularização do acesso à informação médica. Plataformas como Facebook, Twitter e redes especializadas, como TuDiabetes, como citados no artigo de Korda H, Itani Z (2013), permitem que informações sobre saúde alcancem um público maior, superando barreiras sociais, econômicas e geográficas. Advém deste cenário a ampliação que contribui para a conscientização sobre doenças, tratamentos, práticas preventivas e condutas médicas.

Para além disso, destaca-se que um dos principais benefícios das redes sociais é a velocidade com que informações são compartilhadas. Em situações de emergência de saúde pública, como surtos de doenças, epidemias e pandemias, como a gripe sazonal COVID-19, as redes sociais permitem a disseminação rápida de alertas e atualizações, ajudando a controlar a propagação de doenças e informar o público sobre medidas preventivas necessárias é o que traz Alessa e Faezipour (2018). Chen (2021) destaca que as contas governamentais nas redes sociais podem se tornar fontes oficiais de informações, fornecendo conteúdo atualizado de forma eficaz.



Ainda sobre os benefícios das redes sociais, pode-se citar como as mídias sociais facilitam o engajamento do público, permitindo a interação com conteúdos de saúde por meio de diferentes plataformas e formas de comunicação, como vídeos, infográficos e postagens interativas. Este engajamento pode levar a uma maior compreensão e adoção de comportamentos saudáveis, direcionando os usuários para recursos adicionais e incentivando mudanças positivas nos hábitos de saúde como também constatado por Naslund et al (2017) em sua revisão sistemática aplicada ao tabagismo e a intervenção das redes sociais.

Por fim, a capacidade das redes sociais de alcançar populações vulneráveis é outro ponto positivo significativo. É o que trazem Chirumamilla e Gulati (2021), grupos que tradicionalmente têm menos acesso a serviços de saúde, como idosos, populações de países em desenvolvimento e emergentes e aqueles menos letrados na alfabetização em saúde podem se beneficiar do conteúdo disseminado nas redes sociais, que muitas vezes é adaptado para ser compreensível e acessível. Laranjo (2015) observa que as intervenções de saúde pública nas redes sociais podem ser especialmente eficazes no alcance dessas populações, promovendo a equidade na saúde.

4.2 Impactos Negativos das Redes Sociais na Saúde

Um dos principais desafios das redes sociais é a disseminação de informações errôneas. A propagação de "fake news" pode levar a consequências graves, como a hesitação vacinal. Alberto Novaes Ramos Jr. (2023) aponta que uma parcela significativa das mortes por COVID-19 pode ser atribuída à disseminação de informações falsas sobre vacinas. A pesquisa do IBOPE, analisada por Jhonny Cristaldo de Oliveira (2022), revela que 34% dos entrevistados acreditaram em pelo menos uma notícia falsa, influenciando negativamente sua decisão de se vacinar.

Outro ponto a ser discutido é a ascensão de não especialistas e influenciadores não qualificados. Figuras públicas e influenciadores sem conhecimento específico sobre saúde podem espalhar desinformação, causando confusão e desconfiança. Racovita (2013) e Yeung (2022) discutem como a influência dessas figuras pode levar a questionamentos sobre as produções científicas e adoção de práticas de saúde inadequadas.

Associa-se a este cenário, a modificação da linguagem nas redes sociais em comparação com os textos originais pode levar a exageros e interpretações errôneas. Haber (2018) identifica que a



adaptação de artigos científicos para formatos mais acessíveis pode resultar em distorções que comprometem a precisão das informações, gerando confusão entre os leitores.

4.3 Comparação com Outros Estudos

Estudos adicionais corroboram os benefícios e desafios das redes sociais na saúde. Por exemplo, a pesquisa de Korda e Itani (2013) também destaca a eficácia das redes sociais na disseminação de informações de saúde pública, enquanto a análise de Vosoughi, Roy e Aral (2018) reforça os perigos da disseminação de desinformação, indicando que notícias falsas se espalham mais rápido e alcançam mais pessoas do que as verdadeiras.

4.4 Conexão com a Agenda 2030 da ONU

A relação entre redes sociais e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU é clara, especialmente no que tange ao ODS 3 (Saúde e Bem-estar). As redes sociais podem contribuir significativamente para alcançar essas metas, disseminando informações de saúde e promovendo comportamentos saudáveis. (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2024). No entanto, é crucial implementar medidas que garantam a precisão das informações e eduquem os usuários para prevenir os efeitos negativos da desinformação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo explorou os impactos positivos e negativos das redes sociais na disseminação de informações de saúde, com foco na popularização das condutas médicas. As redes sociais demonstraram ser ferramentas poderosas para a democratização da informação, permitindo o acesso rápido e amplo a dados de saúde. Em particular, destacamos como essas plataformas podem facilitar o engajamento público e alcançar populações vulneráveis, contribuindo significativamente para a conscientização sobre práticas de saúde e prevenção de doenças.

No entanto, também identificamos sérios desafios associados ao uso das redes sociais para disseminação de informações médicas. A propagação de "fake news" e a influência de pseudo especialistas representam riscos consideráveis à saúde pública, como evidenciado pela hesitação



vacinal observada durante a pandemia de COVID-19. Estes problemas sublinham a necessidade de políticas eficazes de verificação de informações e programas de educação digital para melhorar a literacia informacional entre os usuários.

Apesar das contribuições significativas deste estudo, reconhecemos algumas limitações. Primeiramente, a revisão se baseou em fontes secundárias, o que pode introduzir vieses dependendo da qualidade das fontes originais. Além disso, a natureza dinâmica das redes sociais significa que os dados e tendências observados podem mudar rapidamente, exigindo monitoramento contínuo.

Para futuras pesquisas, sugerimos investigações mais aprofundadas sobre a eficácia de diferentes estratégias de combate à desinformação nas redes sociais. Estudos empíricos que avaliem a implementação de programas de educação digital e políticas de verificação de informações poderiam fornecer insights valiosos sobre como mitigar os impactos negativos identificados. Além disso, pesquisas comparativas entre diferentes plataformas de redes sociais podem revelar variações nas dinâmicas de disseminação de informações.

Em conclusão, as redes sociais possuem um potencial tremendo para promover a saúde pública, alinhando-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. No entanto, é imperativo que esforços contínuos sejam feitos para garantir que as informações disseminadas sejam precisas e verificadas. Com as medidas adequadas, as redes sociais podem se transformar em ferramentas ainda mais eficazes na promoção de comportamentos saudáveis e no fortalecimento das políticas de saúde pública.



REFERÊNCIAS

1. ALESSA, A.; FAEZIPOUR, M. A review of influenza detection and prediction through social networking sites. **Theoretical Biology and Medical Modelling**, v. 15, n. 1, 1 fev. 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5793414/>. Acesso em 11 jun. 2024.
2. CHEN, Junhan; WANG, Yuan. Social media use for health purposes: systematic review. **Journal of medical Internet research**, v. 23, n. 5, p. e17917, 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8156131/>. Acesso em: 11 jun. 2024.
3. CHIRUMAMILLA, S.; GULATI, M. **Patient Education and Engagement through Social Media**. *Curr Cardiol Rev.* 2021; v.17. p.137-143. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31752656/>. Acesso em: 11 jun. 2024.
4. COUTO, M.C.; PAIXÃO, E. A. S. Desafios da COVID longa no Brasil: uma agenda inacabada para o Sistema Único de Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 39, e00002223, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/xvVfjNQxX4c5MqmRbZDxSRz/?lang=pt>. Acesso em: 9 jun. 2024.
5. HABER, N. et al. Causal language and strength of inference in academic and media articles shared in social media (CLAIMS): A systematic review. **PLOS ONE**, v. 13, n. 5, p. e0196346, 30 maio 2018. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5976147/> Acesso em 11 jun. 2024.
6. HAGG, E.; DAHINTEN, V. S.; CURRIE, L. M. The emerging use of social media for health-related purposes in low and middle-income countries: A scoping review. **International Journal of Medical Informatics**, v. 115, p. 92–105, jul. 2018. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7108283/> Acesso em 11 jun. 2024.
7. KORDA, H.; ITANI, Z. Harnessing Social Media for Health Promotion and Behavior Change. **Health Promotion Practice**, v. 14, n. 1, p. 15–23, 10 maio 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21558472/>. Acesso em: 11 jun. 2024
8. LARANJO, L. et al. The influence of social networking sites on health behavior change: a systematic review and meta-analysis. **Journal of the American Medical Informatics Association**, v. 22, n. 1, p. 243-256, 2015. Disponível em:



- <https://academic.oup.com/jamia/article/22/1/243/833940?login=false>. Acesso em: 11 jun. 2024.
9. NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3: Saúde e Bem-Estar**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/3>. Acesso em: 9 jun. 2024.
 10. Naslund, et al. **Systematic review of social media interventions for smoking cessation**. *Addict Behav.* 1 Out. 2017. p 1-26. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28499259/>. Acesso em 11 jun. 2024.
 11. OLIVEIRA, J. C. Da influência das fake news no combate ao COVID-19. **Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra**, v. 6, n. 1, p. 100-120, 2021. Disponível em: <https://trabalhoscidhcoimbra.com/ojs/index.php/anaiscidhcoimbra/article/view/470> Acesso em: 9 jun. 2024.
 12. ONU BR - NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Agenda 2030**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> Acesso em: 11 jun. 2024.
 13. RACOVITA, M. Lost in translation. **EMBO reports**, v. 14, n. 8, p. 675–678, 16 jul. 2013. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3736132/> Acesso em 11 jun. 2024.
 14. VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S. The spread of true and false news online. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1146–1151, 9 mar. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29590045/>. Acesso em: 11 jun. 2024.
 15. YEUNG, A. W. K. et al. Medical and Health-Related Misinformation on Social Media: Bibliometric Study of the Scientific Literature. **Journal of Medical Internet Research**, v. 24, n. 1, p. e28152, 25 jan. 2022. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8793917/> Acesso em 11 jun. 2024.